



Sherlock Holmes

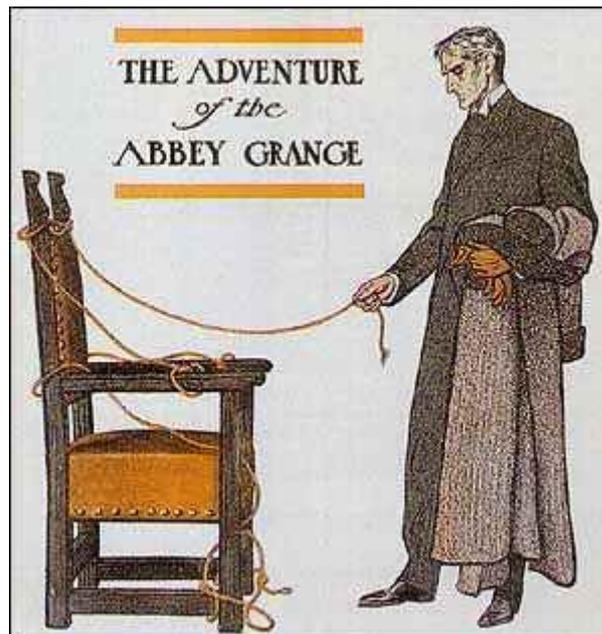
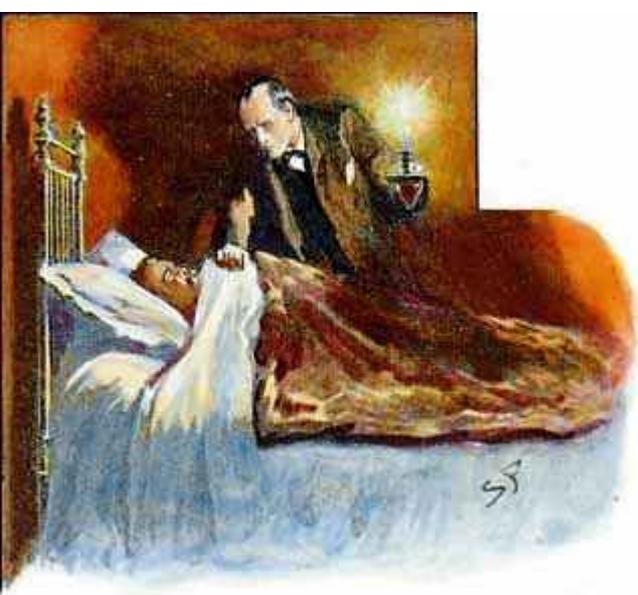
em:

Abbey Grange

Por Sir Arthur Conan Doyle

PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)

CPTurbo.org



Numa fria e nevoenta manhã de inverno, em 1897, acordei com um puxão em meu ombro. Era Holmes. A vela que ele segurava iluminava-lhe o rosto ansioso, e eu soube imediatamente que acontecera alguma coisa.

— Venha, Watson, venha! O jogo começou! Nem uma palavra! Vista-se e venha!

Dez minutos mais tarde, estávamos numa carruagem, atravessando ruas silenciosas a caminho da Estação de Charing Cross. Os primeiros sinais da madrugada apareciam, e víamos de vez em quando um vulto de operário. Holmes estava silencioso, encolhido em seu vasto sobretudo, e eu também, pois o frio era cortante e nenhum de nós tomara café antes de sair. Só depois de termos tomado um chá bem quente na estação, e já sentados no trem, é que ele se sentiu disposto a falar, e eu, a ouvir. Holmes tirou um papel do bolso e leu em voz alta:

"Abbey Grange, Marsham, Kent, 3:30 h.

Caro sr. Holmes — Ficaria muito satisfeito se pudesse vir imediatamente em meu auxílio, num caso que promete ser realmente extraordinário. É algo de sua especialidade. A não ser para libertar a dama, farei com que tudo fique exatamente como foi encontrado, e peço-lhe que não perca um instante, pois é difícil deixar Sir Eustace lá.

Sinceramente,
Stanley Hopkins".

— Hopkins pediu meu auxílio sete vezes, e todas elas se justificaram — disse Holmes. — Creio que os casos de nosso amigo fazem parte de sua coleção, Watson, e devo confessar que você tem um dom de seleção que desculpa muita coisa deplorável, a meu ver, em suas narrativas. Seu hábito fatal de olhar

para tudo como uma história, em vez de um exercício científico, arruinou o que poderia ter sido uma instrutiva e até mesmo clássica série de demonstrações. Refere-se por alto a um trabalho de grande astúcia e delicadeza, e apoia-se em pormenores sensacionalistas, que podem excitar mas não instruir o leitor.

— Por que não escreve você mesmo seus casos? — repliquei, um tanto azedamente.

— Escreverei, caro Watson, escreverei. No momento presente, estou muito ocupado, como sabe, mas pretendo dedicar a velhice à composição de um livro que focalizará toda a arte detetivesca num único volume. Nosso caso presente parece ser de assassinato.

— Acha, então, que Sir Eustace está morto?

— Creio que sim. A letra de Hopkins denota grande agitação, e ele é emotivo. Sim, acho que houve violência, e que o corpo está à nossa espera para um exame. Um simples suicídio não faria com que Hopkins me chamasse. Quanto a dizer que libertou a dama, parece que ela esteve presa no quarto durante a tragédia. Estamos nos movendo na alta sociedade. Veja, Watson, o papel, o monograma E. B., o brasão, o pitoresco endereço. Creio que nosso amigo Hopkins estará à altura da situação, e que vamos ter uma manhã interessante. O crime foi cometido antes da meia-noite de ontem.

— Como sabe?

— Por um exame dos trens e uma avaliação do tempo. A polícia local foi chamada, mas comunicou-se com a Scotland Yard. Hopkins foi para lá e, por sua vez, chamou-me. Tudo isso leva bem uma noite de trabalho. Bem, cá está a Estação de Chislehurst, e já o saberemos.

Um trajeto de três quilômetros, por estreitas azinhagas, levou-nos a um portão grande, aberto por um homem que parecia aflito, provavelmente por causa da tragédia. A alameda cortava um parque antigo, no meio de velhos olmos, e ia acabar diante de uma casa baixa, esparramada, com pilares na frente. A parte central era, evidentemente, muito antiga, coberta de hera, mas as janelas largas indicavam que houvera reforma, e uma ala da casa parecia completamente nova. O inspetor Stanley Hopkins, com seu vulto jovem e expressão viva, esperava-nos à porta.

— Estou muito satisfeito por ter vindo, sr. Holmes. E também o senhor, dr. Watson! Mas, se pudesse voltar atrás, não os teria incomodado, pois a dona da casa, depois que voltou a si, fez-nos uma descrição tão clara do incidente que não nos resta muito o que fazer. Lembra-se daquele grupo de ladrões de Lewisham?

— Refere-se aos três Randalls?

— Exatamente: o pai e os dois filhos. É obra deles, não tenho a menor dúvida. Fizeram um trabalhinho em Sydenham, há quinze dias, e foram vistos e



descritos. É uma audácia fazer outro logo em seguida, mas foram eles. Desta vez, é a força que os espera.

— Quer dizer que Sir Eustace morreu?

— Sim, esmagaram-lhe a cabeça com o atizador da lareira de sua própria casa.

— O cocheiro disse-me que se trata de Sir Eustace Brackenstall.

— Realmente, era um dos homens mais ricos de Kent. Lady Brackenstall está na saleta. Pobre senhora, passou por uma terrível prova. Parecia mais morta do que -viva quando cheguei. Creio que é melhor ouvi-la contar os fatos. Depois, iremos examinar a sala de jantar.

Lady Brackenstall não era uma pessoa vulgar. Raras vezes tenho visto mulher tão graciosa, tão feminina, tão bela. Loura, com cabelos dourados, olhos azuis; teria, naturalmente, a tez perfeita que geralmente acompanha esse tipo, se a experiência daquela noite não a tivesse deixado tão desfeita. Os sofrimentos eram tanto físicos como mentais, pois um lado da testa estava roxo e inchado, e era constantemente banhado com água e vinagre por uma criada alta e austera. A dona da casa estava estendida, exausta, num divã, mas o olhar vivo, observador, a expressão alerta no belo rosto indicavam que nem o intelecto nem a coragem tinham ficado prejudicados com a terrível experiência. Vestia uma camisola solta, azul e prateada, mas havia a seu lado um vestido preto de jantar.

— Já lhe contei tudo o que aconteceu, sr. Hopkins — disse ela, com voz cansada. — Se posso repetir? Bem, se achar necessário, repetirei para esses senhores. Já estiveram 'na sala de jantar?

— Achei melhor ouvirem primeiro sua história.

— Ficarei satisfeita assim que o senhor tomar todas as providências. É horrível pensar nele lá. — Estremeceu, escondendo o rosto nas mãos. Ao fazê-lo, a manga solta caiu, mostrando o antebraço, Holmes soltou uma exclamação.

— Tem outros ferimentos, minha senhora! O que é isso?

Duas manchas vermelhas marcavam o braço claro e roliço. A jovem ocultou-as imediatamente.

— Não é nada — disse ela. — Nada tem a ver com o horrível acidente de ontem à noite. Façam o favor de se sentar, e eu contarei o que houve.

"Sou esposa de Sir Eustace Brackenstall. Casei-me há um ano. É inútil querer ocultar o fato de ter sido um casamento infeliz. Todos os vizinhos poderiam informá-lo, senhor, mesmo que eu tentasse negar. Talvez a culpa

seja, em parte, minha. Fui educada na atmosfera mais livre, menos convencional do sul da Austrália, e adapto-me mal à vida na Inglaterra, com seus preconceitos e tabus. Mas a razão principal estava num fato de todos conhecido, isto é, Sir Eustace era um bêbado inveterado. Conviver com um homem assim, mesmo por uma hora, é desagradável. Pode imaginar o que era, para uma mulher sensível e voluntariosa, viver presa a ele dia e noite? É um sacrilégio, um crime, dizer que tal casamento é indissolúvel. Essas leis monstruosas trarão maldição ao país. Deus não permitirá que tanta maldade persista."

Ela sentou-se por um momento, de rosto corado, os olhos brilhando sob a marca na fronte. Depois, a mão forte e macia da criada fez com que se deitasse de novo, e a cólera foi substituída por soluços. Finalmente, continuou:

— Vou contar-lhes o que aconteceu a noite passada. Talvez saibam que todos os empregados dormem na ala nova. Neste bloco central ficam os dormitórios, com a cozinha atrás e nosso quarto em cima. Minha empregada, Theresa, dorme num quarto acima do meu. Não há mais ninguém, e nenhum som perturbaria os que dormem na outra ala. Isso devia ser do conhecimento dos ladrões, pois de contrário não teriam agido como agiram.

"Meu marido foi para o quarto às dez e meia, mais ou menos. Os empregados já tinham se recolhido. Somente minha criada estava acordada, e ela costuma ficar em seu quarto, em cima, aguardando que eu a chame. Fiquei aqui nesta sala até depois das onze horas, absorta num livro. Depois dei uma volta para ver se estava tudo em ordem, antes de subir. Era meu hábito fazê-lo pessoalmente, pois não se podia confiar em Sir Eustace. Fui à cozinha, à copa, à sala de armas, à sala de bilhar, à sala de visitas e, finalmente, à sala de jantar. Ao aproximar-me da porta-janela, coberta por uma cortina pesada, senti de repente um golpe de vento no rosto, o que indicava que estava aberta. Abri a cortina e dei com um homem idoso, de ombros fortes, que acabara de entrar na sala. A porta-janela é larga e dá para um relvado. Eu tinha na mão minha vela de quarto e, à luz dela, vi atrás do homem outros dois, que iam entrando. Recuei, mas o primeiro sujeito avançou. Agarrou-me primeiro pelos pulsos, depois pelo pescoço. Abri a boca para gritar, mas recebi um soco no olho e caí. Devo ter ficado inconsciente por alguns minutos, pois, quando dei por mim, vi que tinham rebentado o cordão da campainha e que me tinham amarrado na cadeira de carvalho que fica à cabeceira da mesa. Estava tão bem presa que não podia mover-me, e uma mordaca impedia-me de gritar. Foi nesse momento que meu pobre marido entrou na sala. Evidentemente, ouvira sons e viera preparado para o que quer que fosse. Estava de calça e camisa, e tinha na mão sua bengala favorita. Correu para um dos ladrões, mas o outro, o sujeito de idade, inclinou-se, apanhou o atizador da lareira e desferiu-lhe um terrível golpe. Meu marido caiu sem um gemido, e não mais se moveu. Desmaiei de novo, mas deve ter sido apenas por alguns minutos. Quando abri os olhos, vi que tinham tirado as pratas de cima do aparador e uma garrafa de vinho que lá estava. Cada um deles tinha um copo na mão. Já lhe disse que um era idoso, com barba, e os outros dois, rapazinhos imberbes. Poderiam ser pai e filhos. Falavam por murmúrios. Depois, aproximaram-se, verificando se eu estava bem amarrada. Finalmente saíram, fechando a janela.

Só um quarto de hora depois consegui fazer com que a mordança caísse. Gritei, e minha criada acudiu. Depois vieram os outros empregados e mandaram chamar a polícia, que alertou Londres imediatamente. É só o que posso dizer-lhes, senhores, e espero que não me seja necessário repetir história tão dolorosa."

— Alguma pergunta, sr. Holmes? — disse Hopkins.

— Não quero abusar do tempo e da paciência de Lady Brackenstall — declarou meu amigo, — Mas, antes de ir para a sala de jantar, gostaria de ouvir o que a criada tem a dizer — continuou, voltando-se para ela.

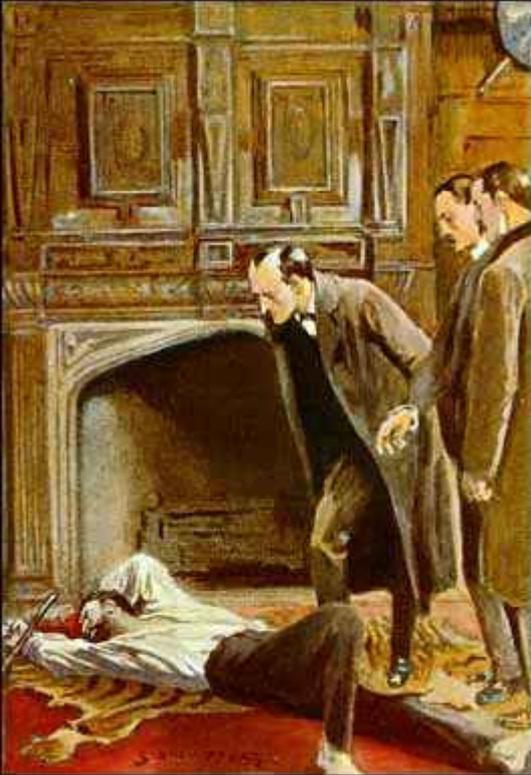
— Vi os homens antes de entrarem em casa — contou ela. — Sentada à minha janela, vi três homens ao luar, perto do portão de entrada, mas não dei importância a isso, na ocasião. Somente uma hora depois é que ouvi minha patroa gritar, e corri para baixo, encontrando-a, coitadinha, como ela já lhes contou, e ele caído no chão, todo ensangüentado. Era de deixar uma mulher louca, ali amarrada, o vestido manchado com o sangue do próprio marido, mas nunca lhe faltou coragem, à srta. Mary Fraser, de Adelaide... e Lady Brackenstall, de Abbey Grange, não é diferente. Já a interrogaram bastante, senhores, e agora ela vai para o quarto, com sua velha Theresa, à procura do descanso que necessita.

Com ternura de mãe, a mulher magra e abatida pôs os braços à volta da patroa e levou-a.

— Está com ela desde criança — contou Hopkins. — Foi sua ama, e veio com Lady Brackenstall para a Inglaterra, quando deixaram a Austrália há dezoito meses. Chama-se Theresa Wright, e é o tipo de empregada que não se encontra hoje em dia. Por aqui, sr. Holmes, por favor!

A expressão de interesse desaparecera do rosto de Holmes, e percebi que, uma vez que não existia mistério, o caso não o atraía. Ainda precisava ser efetuada uma prisão, mas quem eram aqueles malandros vulgares, para que Holmes sujasse suas mãos na tarefa de capturá-los? Um grande especialista que fosse chamado para um caso de sarampo teria a mesma expressão aborrecida que vi no rosto de meu amigo. Mas a cena na sala de jantar foi suficientemente estranha para lhe chamar a atenção e reavivar-lhe o interesse.

Era uma sala grande e de pé-direito alto, com teto e lambris de carvalho, uma bela coleção de cabeças de veado e armas antigas nas paredes. Na parede oposta à porta de entrada, vimos a porta-janela de que nos tinham falado. Três janelas menores, do lado direito, deixavam entrar o pálido sol de inverno. A esquerda, havia uma lareira grande, funda, com um pesado tampo de carvalho. Ao lado da lareira, uma pesada cadeira de carvalho, de braços e com pés cruzados embaixo. Na madeira trabalhada, via-se enrolada uma corda vermelha, amarrada embaixo, nos pés cruzados. Ao soltarem a dona da casa, a corda escorregara, mas ficaram os nós que a tinham prendido. Esses pormenores só nos chamaram a atenção mais tarde, pois nossos olhos fixaram-se no terrível espetáculo oferecido pelo homem estendido no chão,



sobre uma pele de tigre.

Era o corpo de um homem alto, bem-feito, de mais ou menos quarenta anos de idade. Estava de costas, o rosto para cima, os dentes brancos como que arreganhados no meio da barba preta. As duas mãos contraídas estavam erguidas acima da cabeça, e no meio delas via-se uma pesada bengala. O rosto escuro, aquilino, estava convulso, num espasmo de cólera vingativa, dando-lhe um ar diabólico. Evidentemente estava deitado quando ouviu o barulho, pois usava um camisolão de dormir pretensioso, bordado, e os pés que saíam das calças estavam nus. A cabeça estava horrivelmente machucada, e toda a sala indicava a ferocidade do golpe que lhe fora desferido. A seu lado estava o atizador, dobrado, devido ao impacto. Holmes examinou-o e ao terrível ferimento por ele causado.

— Deve ser um homem muito forte, o tal Randall — observou.

— É, sim — disse Hopkins. — Sei muito bem quem é, um sujeito perigoso.

— Não lhe será difícil apanhá-lo.

— Claro que não. Temos andado à sua procura, e ouvíramos dizer que fugira para a América. Agora que sabemos que o bando está aqui, não poderá escapar-nos. Mandamos aviso para todos os portos, e será oferecida uma recompensa antes que caia a noite. O que me admira é como podem ter feito tal loucura, sabendo que Lady Brackenstall os despreveria e que não poderíamos deixar de reconhecer a descrição.

— Exatamente, Seria de esperar que tivessem também procurado obter o silêncio de Lady Brackenstall.

— Talvez não tenham percebido que ela voltara a si.

— Provavelmente. Estando ela inconsciente, não lhe tirariam a vida. Que me diz deste infeliz, Hopkins? Lembro-me de ter ouvido estranhas histórias a seu respeito.

— Era um bom homem, quando sóbrio, mas um demônio quando bêbado, ou antes, meio bêbado, pois raramente se embriagava por completo. O demônio parecia tomar conta dela, nessas ocasiões, e era capaz de tudo. Pelo que ouvi dizer, apesar da fortuna e do título, uma ou duas vezes quase se meteu com a polícia. Houve um escândalo, pois dizem ter derramado gasolina num cão, ateando-lhe fogo... o cão da esposa, o que é pior, e só com dificuldade o caso foi abafado. Depois, atirou uma jarra na cabeça da criada, Theresa. Também isso lhe trouxe aborrecimentos. Cá entre nós, a atmosfera aqui ficará mais leve sem ele. O que está procurando agora?



Holmes estava de joelhos, examinando com grande atenção os nós da corda vermelha que tinham prendido a dona da casa. Depois examinou o cordão da campainha, que fora arrancado.

— Quando tiraram o cordão, a campainha deve ter tocado alto na cozinha — disse ele.

— Ninguém poderia ter ouvido. A cozinha fica muito no fundo.

— Como o ladrão poderia saber que ninguém ouviria? Como ousou arrancar um cordão de campainha dessa maneira temerária?

— É verdade, sr. Holmes, é verdade. O senhor formula a pergunta que, mais de uma vez, fiz a mim próprio. Não há dúvida de que esse sujeito conhecia a casa e seus

hábitos. Devia saber que os criados estariam deitados àquela hora da noite, e que ninguém ouviria a campainha na cozinha. Deve, portanto, ter tido algum criado como cúmplice. Mas são oito, e todos com boas referências.

— Em princípio, a suspeita recairia sobre a criada em quem o patrão atirou a jarra. Mas isso seria trair a patroa, a quem ela parece tão dedicada. Bem, bem, isso não tem importância, e, quando Randall estiver preso, você não terá dificuldade em saber o nome dos cúmplices. A história contada pela dona da casa parece corroborada pelo que vemos diante de nós. — Holmes foi até a porta-janela e abriu-a. — Aqui não há pegadas; mas o chão é duro e não seria o caso de esperar encontrá-las. Vejo que as velas sobre a lareira foram acesas.

— Sim, foi por esta luz e pela vela que a senhora trazia que os ladrões puderam orientar-se.

— E o que foi que levaram?

— Oh, não roubaram grande coisa. Apenas algumas peças de prata, de cima do aparador. Lady Brackenstall acha que ficaram tão perturbados com a morte de Sir Eustace, que não fizeram a limpeza que pretendiam fazer.

— Deve ser verdade. Apesar disso, beberam vinho, pelo que vejo.

— Para retemperar os nervos.

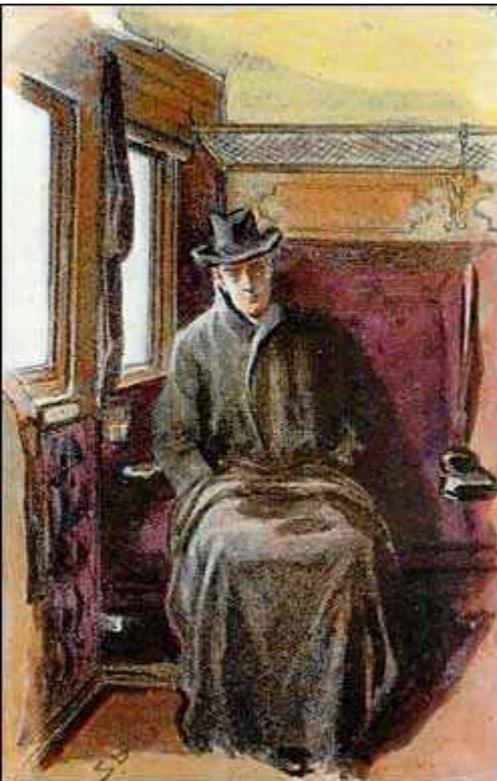
— Exatamente. Ninguém tocou nesses três copos sobre o aparador, não é?

— Não. E também a garrafa está como foi deixada.

— Vamos ver. Ora, ora, o que é isso?

Os três copos estavam agrupados, todos tintos de vinho, e um deles continha borra. A garrafa estava perto, três quartos cheia, e, ao lado, uma rolha longa, manchada. Sua aparência e o pó na garrafa indicavam que os ladrões não tinham aberto uma garrafa comum. A atitude de Holmes mudou. Perdeu a expressão distraída, e vi de novo uma luz de interesse em seus olhos profundos. Ergueu a rolha e examinou-a atentamente.

— Como a tiraram? — perguntou.



Hopkins apontou para uma gaveta aberta pela metade. Havia ali roupa de mesa e um grande saca-rolhas.

— Lady Brackenstall disse que o saca-rolhas foi usado?

— Não. O senhor deve lembrar-se de que ela estava inconsciente no momento em que a garrafa foi aberta.

— Isso mesmo. Por falar nisso, o saca-rolhas não foi usado. A garrafa foi aberta com um saca-rolhas de bolso, provavelmente desse tipo que vem junto com um canivete e que não tem mais de quatro centímetros de comprimento. Se examinar a parte de cima da rolha, verá que foi furada três vezes, até que conseguissem tirá-la. Não foi trespassada. Esse saca-rolhas grande teria trespassado a rolha, que sairia com um só arranco. Quando encontrar o ladrão, verá que possui um desses canivetes.

— Ótimo! — disse Hopkins.

— Mas confesso que estes copos me deixam perplexo. Lady Brackenstall viu os homens beberem, não é verdade?

— Sim, foi clara a esse respeito..

— Então, está acabado. Que mais se pode dizer? Apesar de tudo, deve reconhecer que os três copos são extraordinários, Hopkins! Ora, não vê nada estranho? Bem, bem, vá lá. É possível que, quando um homem possui dons e poderes extraordinários, como eu, seja levado a procurar uma explicação complexa quando tem uma simples à mão. Talvez seja coincidência a respeito dos copos. Pois bem, até logo, Hopkins. Não creio que possa ajudá-lo, e parece-me que o caso está bem claro. Avise-me quando Randall for preso, ou se houver qualquer outra novidade. Espero poder dar-lhe logo os parabéns por uma feliz conclusão. Venha, Watson, creio que poderemos aplicar melhor nosso tempo em casa.

Na viagem de regresso percebi, pela expressão de Holmes, que ele estava muito preocupado com algo que observara. De vez em quando, com esforço, procurava desfazer essa impressão e conversar como se o caso estivesse liquidado, mas depois ficava de novo pensativo. Finalmente, com súbito impulso, assim que nosso trem saiu de uma estação de subúrbio, pulou para a

plataforma e puxou-me.

— Desculpe-me, caro amigo — disse, quando vimos o trem virar a curva. — Sinto torná-lo vítima do que talvez seja apenas um capricho, mas, por Deus, Watson, não posso deixar o caso como está. Todos os meus instintos gritam contra isso. Está errado, está errado, está tudo errado. E, no entanto, a história da dona da casa está completa, foi corroborada pela empregada, cada pormenor parece absolutamente exato. Que tenho eu a opor a isso? Três copos de vinho, apenas. Mas, caso eu não tivesse tomado as coisas como certas, se tivesse examinado tudo com o cuidado de quem começa uma investigação com a cabeça fresca, sem ter ouvido uma história, não teria encontrado algo mais definido? Claro que teria. Sente-se neste banco, Watson, até que chegue um trem de Chislehurst, e permita-me que ponha os indícios diante de você, implorando-lhe, em primeiro lugar, que afaste do pensamento a idéia de que os fatos contados pela dona da casa e pela criada sejam necessariamente verdadeiros. A encantadora personalidade da dama não deve influir em nosso julgamento.

"Na história de Lady Brackenstall existem certamente pormenores que, examinados a sangue-frio, excitariam nossas suspeitas. Esses ladrões cometeram um considerável roubo em Sydenham, há quinze dias. Saiu nos jornais a descrição do pai e dos filhos, e ela logo ocorreria a quem desejasse inventar uma história na qual bandidos imaginários tomassem parte. Em geral, os ladrões que fizeram um bom negócio dão-se por felizes de aproveitar em paz as vantagens do roubo, em vez de se meterem em outra perigosa aventura. Além disso, não é natural que atuem tão cedo, no princípio da noite; em geral não espancam uma mulher para evitar que grite, pois seria esse o meio mais fácil de fazê-la gritar; não é comum assassinar um homem, quando são em número suficiente para dominá-lo; é extraordinário que se contentem com pouca coisa, quando têm muita a seu alcance; e, finalmente, asseguro-lhe que é estranho que tais homens deixem uma garrafa de vinho pela metade. Que acha, Watson?"

— O efeito acumulado de tudo isso é de fato considerável, mas cada um dos pontos em separado é admissível — respondi. — O mais estranho, para mim, é que ela tenha sido amarrada.

— Pois bem, isso não é assim tão estranho, Watson, pois é evidente que teriam de matá-la, ou amarrá-la, para que não desse imediatamente o alarme da fuga. E, acima de tudo, vem o incidente dos três copos de vinho.

— Que têm eles?

— Não pode se recordar deles?

— Claro que posso.

— Disseram-nos que os três homens beberam. Acha isso provável?

— Por que não? Havia vinho em todos os copos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

